

**POLÍTICAS PÚBLICAS, GÊNERO E TRABALHO**  
**SEMINÁRIO NACIONAL DE TRABALHO E GÊNERO**  
**SESSÃO TEMÁTICA: MEMÓRIA E NARRATIVAS DE**  
**TRABALHO E DE GÊNERO**

**O TRABALHO DA ESCRITURA DOS LUGARES: uma análise comparativa das trajetórias dos escritores no Sudoeste de Goiás.**

**CINTYA MARIA COSTA RODRIGUES<sup>1</sup>**  
**rodriguescintya@uol.com.br**

---

<sup>1</sup> Antropóloga doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, professora do PPGAS da Faculdade de Ciências Sociais da UFG.

## I – Introdução

Este trabalho é parte de um texto mais amplo produzido na forma de tese de doutorado que abordou as trajetórias de seis escritores locais que representam simbolicamente e de diferentes formas a região sudoeste de Goiás em suas escrituras (RODRIGUES, 2006). Neste *paper* privilegiou-se dois desses escritores: Binomio da Costa Lima e Eloá de Sousa Lima por apresentarem trajetórias que permitem discutir questões relacionadas ao trabalho da escritura nas localidades e suas relações com gênero.

O assunto a ser tratado partiu de questões que são debatidas no âmbito do regionalismo literário, mas ultrapassa-as, na medida em que busca situar as realidades de referência dos escritores para além das classificações das histórias literárias. Considera-se aqui que o escritor de assuntos locais, cuja literatura encontra a referência do lugar como característica central, acha-se também influenciado pelos lugares sobre os quais ele escreve. A relação com a realidade, que esse escritor acaba transpondo para a literatura é também produto das interações desses escritores com um mundo particular. Essas relações estão entrelaçadas com as suas trajetórias e estas constroem lugares e literatura. As questões discutidas aqui voltam-se para as construções e trabalho dos escritores e para as implicações da estética e dos condicionantes pessoais e sociais que cercam a produção das obras. Essas produções, mais do que contar, criam e recriam histórias.

Visto pela ótica das classificações literárias e das produções textuais, a questão central levantada neste texto pode até significar uma certa redundância, já que a forma de retratar os lugares que informa um certo vínculo com o meio geográfico é parte da definição das obras e dos escritores como regionalistas. Porém, a proposta é desenvolver, para além de uma definição literária construída e da idéia de um vínculo pré-definido e esperado entre os sujeitos, os seus textos e o espaço geográfico, um aprofundamento na trama dos vínculos relacionais, que, são significativos para a construção dos lugares e para a compreensão desses mesmos vínculos. Parte-se assim, da premissa, de que os lugares são histórias, contadas, recontadas e vividas.

A dimensão relacional e biográfica enfocada considera a atuação dos escritores nos lugares da escritura e permite compreender como as suas trajetórias são marcadas

pelos deslocamentos espaciais e, ao mesmo tempo, pela opção por lugares de vida e trabalho. A análise das narrativas biográficas permitiu acompanhar as determinações sociais e culturais que atuaram nesses deslocamentos, bem como as representações dos escritores sobre a sua própria atuação nos espaços percorridos. Possibilitou, ainda, observar como os escritores acabaram seguindo os preceitos definidos por autores goianos do passado, pela história literária regional e pelo próprio campo literário regional que eles acabam ajudando a formar. Dessa forma, a opção pela análise dos relatos biográficos escritos e exteriorizados nas entrevistas diretas, mostrou-se a mais adequada para a compreensão dos entrelaçamentos que envolvem a construção do sudoeste de Goiás.

A opção biográfica, bem como o tratamento metodológico dos dados biográficos, teve como referência outros estudos tais como o realizado por Sérgio Miceli, sobre os intelectuais brasileiros. Certas aproximações com a pesquisa de Miceli permitiram ver que muitos dos determinantes sociais levantados por esse pesquisador para os intelectuais da República Velha são também encontrados entre os escritores focalizados no presente estudo (MICELI, 2001). Ao colocar em discussão as obras dos escritores Binomio da C. Lima e Maria Eloá S. Lima, este trabalho também dialoga com as interpretações sobre o lugar dos intelectuais regionais na formação da cultura e o campo das Ciências Sociais (VILHENA, 1995); (MICELI, 2001; 2007).

Como ocorreu na pesquisa de Miceli, não se trata aqui de um campo literário plenamente constituído; logo, a pesquisa não se encaminha para uma análise específica desse campo. Contudo, não se pode desconsiderar que os escritores que integram esta pesquisa estão envolvidos na formação das instituições literárias regionais e locais. A atuação dos escritores nas localidades redundou na fundação das academias de letras dos municípios e na criação dos movimentos culturais no âmbito local. Uma das conseqüências dessa atuação local do escritor é a sua participação no processo de institucionalização local e regional das letras e na constituição de espaços de promoção da cultura e da memória das localidades de Goiás (RODRIGUES, 2006).

Outras análises centradas em biografias integraram a construção deste texto e contribuíram na análise das trajetórias dos escritores. O estudo de David G. Mandelbaum (1973) sobre a história de vida de Gandhi considera os deslocamentos geográficos e a permanência em locais definidos como significativos para a análise das mudanças na vida e carreira de Gandhi. Os deslocamentos corresponderam a períodos dentro dos quais o pesquisador também identificou outras mudanças no percurso da

vida do biografado. O estudo de Mandelbaum traz uma interpretação da vida de Gandhi na qual os lugares vividos relacionam-se a momentos de aquisição, de escolhas, de conversão – de papéis, de imagens e de relações sociais – fundamentais para a compreensão da sua história de vida e para sua imagem pública consagrada. Por centrar a análise biográfica em apenas uma experiência de vida, o estudo desse antropólogo motivou as críticas que destacaram os riscos da “ideologia biográfica” e da “ilusão biográfica”, bem como os limites da utilização da noção de adaptação.<sup>2</sup> Com relação a esse último aspecto, embora neste estudo a análise esteja centrada em dois relatos biográficos distintos em gênero, há um esforço para não perder de vista a singularidade de cada experiência de vida, nos lugares onde as trajetórias adquiriram um sentido.

Os artigos de Daniel Bertaux sobre os usos dos relatos biográficos destacam a sua validade metodológica, quando o objeto do pesquisador envolve preocupações socioestruturais e sociosimbólicas. Para Bertaux, (1980), o uso da biografia em estudos disciplinares específicos depende substancialmente do objeto construído pelo pesquisador. No entanto, ele defende a utilização de mais de um relato de vida nas pesquisas, definindo-se pelas abordagens mais situacionais e socioestruturais dos relatos biográficos.

Uma atenção ao conceito de “saturação” forjado por Bertaux (1980) ajudou a definir a quantidade de escritores selecionados e a analisar os seus relatos. Segundo esse autor, essa escolha é processual, subjetiva, e relaciona-se com a representação do pesquisador sobre o objeto da pesquisa. A escolha dos escritores seguiu o critério do gênero dos textos produzidos. Nesse sentido, este estudo definiu-se por aqueles escritores que escreveram livros sobre localidades da região sudoeste de Goiás e que vivenciaram e construíram parte de suas trajetórias nas tradicionais fazendas de criação de gado do Sudoeste de Goiás. A lembrança da “vida na fazenda” se contrapõe a vida do presente e permite o exame de um processo de transformação sócio-cultural e econômico pelo acesso a vivência individual e familiar.

As histórias conduziram a esses escritores que também são considerados referências na produção da história local em Jataí e Serranópolis. Mesmo não tendo sido esta a intenção primeira da pesquisa, os escritores focalizados na análise biográfica são aqueles já conhecidos por produzirem a história do município ou atuarem com destaque nas atividades culturais. As diferenças entre os escritores quanto a essa posição de

---

<sup>2</sup> Sobre a “ilusão biográfica” ver Bourdieu, (1986, p. 69-72). As críticas sobre os riscos de os relatos encaparem a “ideologia biográfica” foram levantados por Bertaux. A esse respeito ver: Bertaux, (1980).

referência local e regional é moldada por sua própria trajetória, que também define o alcance dessa representação nos lugares.

Há de se lembrar que os escritores selecionados não são autores consagrados da capital ou vistos pelo público e intelectualidade de Goiânia como escritores maiores; todavia são reconhecidos, pela realização de trabalhos no campo intelectual, pela autoria de livros que abordam a história das localidades e pelas produções literárias isoladas.

Apesar de o critério de origem que considera o nascimento, não ter sido a princípio determinante para a escolha dos escritores, durante o processo da pesquisa e com a realização das entrevistas, foi verificado que ambos mantêm vínculos de parentesco e familiares nos municípios onde moram e desenvolvem suas atividades literárias e culturais. Esse aspecto é significativo, não apenas porque se trata sobre as histórias dos lugares, mas o critério de nascimento envolve a classificação dos escritores na região da escritura e é um item considerado por aqueles que escrevem sobre a história literária em Goiás. Tal classificação, como foi possível perceber, não busca a exclusão de escritores da história literária regional, mas ao contrário, inclusão, o pertencimento, até mesmo daqueles não nascidos em território goiano. A consideração do nascimento mostra, portanto, o quanto a definição do escritor pelo lugar da escritura foi um aspecto mantido pela história literária regional e que envolveu também a própria definição de uma literatura “autenticamente goiana”, forjada pelos historiadores literários.

Entre aqueles que saíram e retornaram à localidade de origem - a maioria deles - a volta implica o desenvolvimento de um trabalho na área da cultura e da política, muitas vezes definido previamente, através das relações com políticos, colegas e parentes. Ao assumir um cargo político ligado à cultura ou por meio do pleito político-partidário, os escritores biografados - com exceção de Binômimo, que se declara não envolvido com a política partidária - tem em comum o envolvimento político-partidário e a definição por diferentes linhas ideológicas.

O afastamento e o retorno aos lugares de nascimento fazem sentido nas representações dos escritores sobre suas próprias trajetórias bem como nas suas auto-definições e escrituras dos lugares, que eles realizam. Assim, entender o significado do “lugar de origem” na vida e na obra dos escritores envolve também o conhecimento dos deslocamentos temporais e espaciais que constituíram suas trajetórias. Faz-se necessário ter em mente os universos sociais possíveis que envolveram a circulação desses sujeitos

em sua época. Nesse aspecto, o local de nascimento é uma referência para os deslocamentos.

Uma das contribuições fornecidas pelo estudo biográfico relaciona-se com a possibilidade de um mergulho nas diferentes concepções dos escritores sobre sua atuação simultânea como testemunhas e atores dos acontecimentos, quando envolvidos com as escrituras sobre as localidades. Inseridos na realidade local e regional, esses sujeitos receberam outras designações associadas à de escritor, tais como “sábios” e “historiadores dos lugares”. São também pessoas conhecidas por estudar, trabalhar e, ao mesmo tempo, participar da história e da cultura do lugar.

As diferenças entre as trajetórias dos literatos escolhidos trouxeram uma certa dificuldade para a comparação e a generalização, no encaminhamento das narrativas individuais. Entretanto, não constituíram um impedimento para que se observasse a recorrência, nas trajetórias, de uma construção aproximada das relações no percurso da vida e da carreira nos universos regional e local.

A escolha dos assuntos para a comparação foi determinada, tanto pelo enfoque previamente definido, quanto pelas próprias narrativas dos escritores. Dessa forma, os escritores, como Maria Eloá e Binômimo, pelo enfoque dado às suas experiências na fazenda, permitem aproximações mais específicas; No entanto, distanciam-se no plano ideológico e na forma de envolvimento com a carreira de escritor.

Os dados biográficos aqui considerados advêm dos relatos biográficos orais e aqueles recolhidos em diferentes fontes escritas. As informações sobre a vida dos escritores foram selecionadas de pequenas biografias e autobiografias encontradas nos prefácios e outras partes dos livros dos próprios autores. Foram também utilizadas entrevistas publicadas em livros e jornais. Alguns autores têm biografias e autobiografias mais extensas. É o caso de Binômimo da Costa Lima, cuja história de vida foi objeto de estudo acadêmico – uma dissertação de mestrado da área de Educação.

As fontes escritas tiveram uma função complementar aos relatos biográficos dos escritores, fornecendo informações prévias aos relatos e auxiliando na indicação dos assuntos a serem abordados. Elas contribuíram também para avaliar a iniciativa e o sentido do “falar sobre si próprio” dos escritores – mesmo não sendo este o objetivo pretendido com a análise das biografias. Um elemento complicador na análise dos relatos e das demais fontes escritas - e que reforçou a importância dessas últimas no processo de comparação - foi a recorrência ao “discurso pronto”. A repetição de uma

história, de assuntos ou de trechos da vida e o modo como é dito, expressam o discurso formal dos escritores, sobretudo por serem pessoas que são sempre convidadas a falar sobre si mesmas, seus feitos e localidades. A atenção a esse aspecto – a construção do si próprio – permitiu adentrar no campo representacional, através do qual o escritor faz uma reflexão sobre o seu próprio lugar, na construção dos lugares retratados.

As entrevistas foram realizadas nas casas dos escritores, nas cidades dos municípios do sudoeste, em que eles vivem.

## **II- O transcurso dos escritores nos universos da vida e da escritura e a leitura dos lugares**

Maria Eloá de Sousa Lima e Binômio da Costa Lima são conterrâneos, contemporâneos e parentes, e vivem atualmente na cidade de Jataí. Eles têm em comum também o fato de terem nascido e vivido a maior parte de suas vidas, em fazendas da família, situadas em regiões rurais diferentes, hoje inseridas, respectivamente, nos municípios de Serranópolis e de Jataí, no sudoeste de Goiás.<sup>3</sup>

Algumas pinceladas no contexto regional ajudam a situar as histórias desses escritores:

Até a década de 1950, quando sofre o impacto econômico mais significativo em sua estrutura produtiva e social, pela aceleração do processo de modernização da agricultura, a região sudoeste chegou a ser considerada “estagnada” e “atrasada”. Alguns autores que pesquisaram esse espaço social pelo prisma do “desenvolvimento desigual do capitalismo” se preocuparam com o sentimento manifestado em expressões cotidianas de “já teve” em Jataí que significavam a ausência de infraestrutura de serviços na cidade.<sup>4</sup> Nessa época, a fazenda ainda constituía uma unidade produtiva

---

<sup>3</sup> Quando o foco da análise particulariza-se na região de origem, algumas diferenças entre os espaços aparecem nas obras dos autores. Ingressam assim, outros fatores, que o tempo e as relações internas construíram. Nesse aspecto, os limites do município tornam-se uma complicação e fica mais adequado falar de região, no sentido simbólico que os próprios escritores construíram. A “região da Serra do Cafezal”, onde Maria Eloá nasceu e viveu e sobre a qual ela escreveu, hoje faz parte do município de Serranópolis, que, já pertenceu a Jataí. Então, se num dado momento do passado, havia uma região mais ampla, hoje os limites municipais impõem outras demarcações espaciais. Essas especificidades não comprometem o sentido aqui empregado para “conterraneidade”, mesmo porque, no caso de Eloá e Binômio, que são aparentados, a terra natal também abrange o espaço do município. Para esses escritores, que nasceram e viveram no campo, a fazenda é o lugar a partir do qual eles falam do passado e deve-se ter em mente essa formação social e espacial anterior. É também nesse assunto que considera-se os relatos de biográficos como relatos de espaço.

<sup>4</sup> Esse assunto foi tratado por MACHADO (1996).

predominante de uma economia centrada na criação de gado, que já apresentava indícios de desagregação social e decadência econômica na estrutura tradicional.<sup>5</sup>

As famílias de fazendeiros da região sudoeste de Goiás viviam em fazendas de criação de gado, quase auto-suficientes e mantinham relações econômicas e sociais constantes com as cidades do triângulo mineiro, sobretudo Uberaba, que é considerada, mesmo após o surgimento de Goiânia e Brasília, *a capital*, para essa região.

As biografias desses escritores revelam algumas experiências comuns que traduzem a oposição ou, antes, a relação cidade e campo e as transformações sociais e econômicas regionais. Eles são testemunhas e herdeiros tanto do apogeu quanto do declínio de um mundo e de uma época. Os seus relatos de vida acompanham o processo mais amplo do desaparecimento da fazenda tradicional de gado do sudoeste de Goiás, que redundou na mudança definitiva das famílias de fazendeiros para a cidade de Jataí.

Os relatos de Binômimo da Costa Lima expressa, de uma forma mais destacada, as transformações regionais. A impressão que fica da leitura de sua biografia escrita e de seu relato, é que o escritor viveu intensamente cada mudança coletiva introduzida. Ou seja, apresenta uma biografia ligada às contradições impostas pelas formas capitalistas que atingiram o sudoeste de Goiás. Uma das características centrais do relato biográfico de Binômimo é a grande inserção que faz de sua vida nas questões de ordem coletiva e a dificuldade de expressar as situações pessoais de forma mais exclusiva.

A saída da fazenda para estudar não o levou a um afastamento definitivo desse universo, físico-espacial, econômico, social ou emocional. Ainda menino, Binômimo mudou-se com os pais, inicialmente, para a cidade de Mineiros, no sudoeste, para estudar. Depois, estudou em colégio interno, em Alto Araguaia, na fronteira com o estado de Mato Grosso. Fez o correspondente ao atual ensino médio em Belo Horizonte e retornou à fazenda para trabalhar com o pai, momento em que abandona completamente os estudos escolares. Na fazenda, casou-se e, quando os filhos atingiram a idade escolar, se transferiu gradativamente com a família para a cidade de Jataí, onde permanece.

A escritora Maria Eloá, assim como Binômimo, nasceu na fazenda, na região da Serra do Cafezal, de onde saiu em 1943, com vinte anos de idade, para cursar o primário, na cidade sudoestina de Rio Verde. Nessa cidade, estudou em escola profissionalizante que ensinava técnicas agrícolas e enfermagem. Esse momento é

---

<sup>5</sup> A respeito do assunto em pauta ver: SUAREZ (1980;1979); MOTA (1980; 1981).



narrado pela escritora, em um trecho biográfico do seu livro *Serra do Cafezal*, como um período de *descoberta*:

Corria o ano de 1944. Eu gostava da escola, dos professores e dos colegas. Descobri a Biblioteca Pública e comecei a ler desordenadamente. Nunca em minha vida lera tanto. Travei conhecimento com muitos autores dos quais nem de leve sabia da existência: Jorge de Lima, Guerra Junqueira, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo e tantos e tantos outros que nem posso enumerar. Apaixonei-me completamente por Pablo Neruda e lia e relia seus belos poemas com a unção de quem recita uma prece. Entre os livros da Biblioteca Pública, descobri os “Escândalos do Petróleo e do Ferro” e pude conhecer um Monteiro Lobato diferente daquele que tanto me encantara em “A menina do narizinho arrebitado”. Um Monteiro Lobato de látego em punho a vergastar desassombrado os corruptos da época (LIMA, 1988, p. 30).

A narradora também apresenta, no mesmo livro, o que ocorria, segundo a sua percepção, no contexto dessa época na cidade de Rio Verde:

Em Rio Verde, naquele ano de 1944, só se falava em Direitos Humanos, reforma agrária, anistia para os presos políticos, partida para a Europa da Força Expedicionária Brasileira, Democracia, Estado Novo, imperialismo, capitalismo, socialismo, o povo, eleições, Getúlio, Prestes, Hitler, Mussolini, De Gaulle, Roosevelt, Churchill, Petain, Paris ocupada, Rússia, o exército vermelho, a batalha de Stalingrado, a cobra vai fumar, câmbio negro, racionamento, vitória na guerra, Brasil. Formou-se na cidade grupos que defendiam os mais diferentes pontos de vista, desde o integralismo ao comunismo. As escolas organizavam passeatas no dia 21 de abril e nos discursos se misturavam a exaltação de Tiradentes à necessidade urgente de se acabar com Hitler e Mussolini. Dava-se vivas ao Brasil e morras à Alemanha (LIMA, 1988, p. 31).

A entrada tardia na escola é uma diferença da trajetória de Maria Eloá com o outro escritor em análise. Ingressar na escola com vinte anos de idade e no momento histórico que a própria escritora contextualiza, trouxe para os primeiros anos de estudos escolares outras percepções da realidade, outros significados. É nessa época, como se verá mais adiante, que a escritora descobre o Partido Comunista e se filia a ele. A partida para Rio Verde irá fazê-la ver de uma outra forma o mundo da fazenda.

O transcurso entre Rio Verde e a Fazenda durante o período de estudos retrata as suas condições como estudante de poucos recursos financeiros e a situação da região da época:

Passei outra vez um ano inteirinho sem ir em casa. A viagem de Rio Verde à Jataí e de Jataí à Fazenda Santa Clara não era fácil. Nas férias mais longas do fim do ano, eu pegava a carroceria de algum caminhão de pessoa conhecida que vinha de Uberlândia ou de São Paulo e me encarapitava em cima dos caixotes e fardos de tecidos, rumo à Jataí [...] Anteriormente, eu

avisava por carta do dia da minha chegada a Jataí e eu meu pai mandava alguém com um cavalo arreado me buscar (LIMA, 1988, p. 31).

Maria Eloá relata a saída da fazenda como almejada, mas difícil, devido às condições financeiras da família. As dificuldades que poderiam comprometer os estudos não são abordadas por Binômimo, em seus relatos. As diferenças entre esses autores também aparecem quando retratam as pessoas da família que os estimularam nos estudos. Para Maria Eloá, não é o pai, mas a mãe que é lembrada, exercendo um papel importante na sua formação intelectual básica, ainda no campo.<sup>6</sup> A propósito, segue o relato de Maria Eloá em um trecho de sua entrevista para este trabalho:

Maria Eloá - Primeiro, eu teria que voltar lá atrás. Acho que eu ilustraria melhor a minha história dizendo que a minha primeira professora foi a minha mãe. Eu falei isto?

Cintya - Não.

Maria Eloá - A minha mãe era uma fiandeira, uma tecedeira. Ela alfabetizou todos os filhos. Então, era minha mãe fiando. Tinha sempre um banquinho baixo ao lado da roda e ali quase sempre tinha uma criança. E ela trabalhando alfabetizava a gente. Depois, no correr do dia, os filhos mais velhos, que já liam corretamente, tinha que fazer uma leitura em voz alta ao lado dela. E os livros, às vezes, eram repetidos. Porque o nosso drama era não ter livros. Então, eram livros emprestados. A gente lia e relia até decorar, mas tornava a ler. E a minha mãe ensinava pontuação e ensinava muito bem. E ela tinha um gosto pela leitura.

Se a influência para os estudos é uma contribuição da mãe e iniciada em casa, a continuidade dependeu da ajuda financeira de um tio rico, que proveu os estudos escolares da escritora em Rio Verde:

Isso aconteceu quase como um milagre, a minha partida para a cidade de Rio Verde, no sudoeste. Eu tinha um desejo grande de estudar, era até doloroso, porque não havia possibilidade. Mas eu tinha um tio, um tio rico, sabendo dessa angústia, desse anseio, e ele me proporcionou. Mas, quando eu estava no segundo ano em Rio Verde, vieram as férias de fim de ano e ele morreu em um acidente trágico. Mas voltei a estudar dezoito anos depois. Dezoito anos depois, eu entrei no ginásio aqui em Jataí, vinda através do meu atestado, que havia feito as provas de admissão no ginásio. Este papel tinha dezoito anos, mas ainda me valeu. Eu estudava

---

<sup>6</sup> As informações biográficas sobre a escritora foram retiradas de seu relato biográfico oral através de entrevista específica para este trabalho. No entanto, também foram utilizadas as narrações biográficas contidas na primeira parte do livro *Serra do Cafetal* e outras informações sobre a vida da autora contidas em outros livros de história local de outros escritores. As falas da autora citadas sem indicação de fonte nesta tese, são provenientes dos relatos orais. O mesmo procedimento foi adotado para todos os escritores biografados, em todo o trabalho. É importante salientar, todavia, que a utilização dos relatos orais e narrações biográficas escritas não buscou suprir lacunas de informações mas, aproveitar também a riqueza dos pequenos trechos das biografias escritas, na maioria das vezes redigidas pelos próprios autores em prefácios ou partes de seus livros.

junto com os jovens. Eu não podia estudar no curso noturno porque a minha filha não teria com quem ficar. Então, eu estudei de manhã e isto também foi interessante.

As trajetórias de Maria Eloá e Binômimo têm em comum as questões relacionadas ao rompimento ou assunção do destino definido para eles, na fazenda. Ambos desviam-se do caminho socialmente esperado pela família, cada um a sua maneira. Se para Eloá a permanência na fazenda significava a adoção do papel da mulher fazendeira, para Binômimo, o estudo era uma idealização do pai, que foi rompida pela sua desistência. Ambos os escritores relatam que não se identificavam com o trabalho da fazenda, apesar de valorizarem esse ofício, em suas escrituras e depoimentos, e acabarem retornando para o campo, após as temporadas de estudos fora, assumindo as posições na fazenda de forma renovada.

Apesar de considerar que se afastou do papel esperado por ela como filha de fazendeiros, Maria Eloá traz em suas atividades atuais – e não apenas na escritura - a herança da vida na fazenda. Os trabalhos manuais com os retalhos que desenvolve atualmente em Jataí e que a fazem considerar-se uma artesã, carregam as experiências do mundo de origem:

Aos treze anos, eu era uma vara de apanhar mamão. Já tinha crescido o que tinha que crescer. Até os vinte anos vivi a vidinha que a minha mãe me traçou: cozinhar, cuidar da casa, lavar roupa, descaroçar, cardar, fiar o algodão que nós mesmos colhíamos. E já estava aprendendo a tecer no tear caseiro. Nesses trabalhos artesanais de tear que são hoje tão valorizados e que a minha mãe fazia questão de ensinar a cada uma das filhas para não quebrar a tradição de várias gerações de mulheres, confesso que fui a única que não prosperei.

Da mesma forma, a experiência de vida de Binômimo mostra que é de dentro da fazenda que ele busca a realização e o aprimoramento intelectual. A sua predileção por assuntos ambientais e ecológicos cresceu quando ele decidiu permanecer na fazenda e abandonar os estudos fora.<sup>7</sup>

Por ser o único filho homem, “Meco” – como é também chamado – disse ter-se preocupado, na época em que decidiu abandonar os estudos, com a situação do pai sozinho no trabalho com o gado. Apesar de declarar não gostar das atividades cotidianas de fazendeiro, Binômimo buscou conciliar o gosto pela observação e experimentação da natureza com o trabalho da fazenda.

---

<sup>7</sup> O exame da trajetória de Binômimo Costa Lima fundamentou-se na entrevista realizada para este estudo e na biografia escrita por outra pesquisadora. Sobre a biografia escrita ver: Pinto (2003).

Após adquirir a sua própria terra, ele deixa a casa do pai, e se casa. Somente quando os filhos já estão estudando em Jataí é que ele se muda definitivamente da fazenda com a família. A mudança para a cidade é narrada como uma decisão da família, mas conduzida por uma série de fatores econômicos regionais, semelhantes aos de outras famílias fazendeiras da época, que também fizeram parte desse êxodo:

É um processo muito rápido! Que te transforma. Você ainda não adaptou à coisa, porque isso foi uma coisa que foi acontecendo. O sujeito da cidade também sofreu essa consequência, mas sem o impacto de mudança que o sujeito que veio da fazenda. Foi o ano que mudou praticamente todo mundo para a cidade. Não sei que diabo foi isso. Essa mudança foi em 1967, mais o menos. Meus meninos já estavam na idade de escola: com sete anos, seis anos [...] (PINTO, 2003, p. 44).

O período vivido na fazenda do pai, após o retorno de Belo Horizonte, é considerado por Binômio como aquele que lhe possibilitou direcionar-se para o conhecimento do meio ambiente regional, de uma forma ainda não realizada. É um momento em que o conhecimento tradicional que ele adquiriu no decorrer da vida, herdado de gerações anteriores de fazendeiros, aproxima-se do conhecimento adquirido na carreira escolar. As frustrações por “estar num lugar em que não queria estar” são compensadas pelas reflexões que a vida no campo lhe possibilitou:

Meu pai era uma pessoa também que gostava de plantas. Toda vida, todo fazendeiro que morava no mato tinha um conhecimento muito grande de plantas, conhecia toda a árvore, sabia para que servem...Eles tinham esse conhecimento. Agora, tinha pessoas que gostavam mais daquilo tudo. Tinha uns que gostavam de ficar conversando de genealogia – tem gente que tem uma memória que é capaz de saber de dez gerações. Está tudo na cabeça dele. E outros que são irmãos daquele, já não sabe nem o nome do pai.

Quando eu vinha de férias, trazia livros para o meu pai ler. Ele lia tudo. Eu trazia para ele livros didáticos, do ano que eu fiz, e ele estudava aquilo tudo sozinho, e sabia tudo. Quando eu chegava, eu fazia um ano na frente dele. Ele ainda sabia mais que eu. Velho do diabo esse! Ele sabia tudo dos livros que eu lia naquele ano e trazia para ele. Um dos livros que ele achou bom demais foi “Casa grande e senzala”. Ele também gostou de “Os sertões”, que é um livro de difícil leitura. Ele tinha um dicionáriozinho velho daqueles, então ele ia anotando aqueles nomes, e lia aquilo tudo tranquilo, sabia tudo. Ele não tinha estudo, praticamente os irmãos também não. Agora o nível cultural dele era muito maior que dos irmãos. Um exemplo bem dele: os irmãos dele falavam que ele não era muito trabalhador, e ele nunca gostou muito de mexer com fazenda. Mas um dia um irmão dele falou: “-Olha minha mão o tanto que é estragada e olha sua!” e pegou a mão dele e abriu assim... ela estava limpinha. Aí ele falou: “- não, nossa diferença é muito fácil de ser resolvida. É só você lavar suas mãos. Eu lavo as minhas, agora você não lava as mãos e vem exibir (PINTO, 2003, p. 90).

Esses fatos da trajetória de Binômimo têm uma importância fundamental no entendimento de suas definições posteriores, no intelectual local em que ele se tornou em Jataí e para a especificidade dos textos que escreveu. Se a vida na fazenda aproximou-o de um tipo de conhecimento tradicional da natureza, a vida em Belo Horizonte colocou-o em contato com a cultura da cidade, urbana. O relato do escritor sobre o tempo vivido na capital mineira envolve desde as trapalhadas do rapaz do campo, que anda de bonde pela primeira vez, quanto o deslumbramento pelo que a cidade oferecia na época. As amizades que fez, os professores que teve, os lugares que freqüentou, os livros que leu. Há um conjunto de realizações que são relatadas e que mostram distâncias entre a vida do campo e a da cidade e, ao mesmo tempo, querem mostrar o quanto o campo não está tão distante da cidade como se pensa.

Apesar dessas diferenças, Binômimo diz não ter tido problemas em relacionar-se na capital mineira. Em trechos da narrativa, Binômimo explica como era possível, morando na fazenda, manter-se em contato com o mundo inteiro. Morar na fazenda no sudoeste goiano, para esse autor, não significava estar isolado do mundo. As informações e o conhecimento circulavam entre as famílias de criadores de gado com melhores condições financeiras, através dos livros, das cartas, do rádio, dos viajantes, dos tropeiros, dos professores esporádicos. A vida na fazenda, que ele retrata, não é de sofrimento, mas de aquisição de conhecimento e de vivência familiar, revelando um caráter bastante positivo daquele mundo. As dificuldades levantadas – como a distância e a carência de escolas – são compensadas pelo tipo de convivência familiar que ela possibilitava. Os relacionamentos com os pais, irmãs, primos, tios, avós e demais parentes são, no geral, harmônicos, e traduzem uma vida que tem a família como eixo principal.

As relações com outras famílias que viviam na fazenda, a dos agregados, é relatada também como harmoniosa. No relato desse intelectual, a distância social entre o agregado e o fazendeiro é avaliada como insignificante: eles eram quase iguais – pelo trabalho, que era realizado em conjunto, e pelas roupas que usavam.

O conhecimento tradicional é repassado através das gerações, e o escritor enaltece o fato de pertencer a uma família de pessoas que valorizam a educação e a cultura, enfim o conhecimento, mesmo quando não freqüentaram instituições de ensino. O trabalho na fazenda é descrito pela ótica das possibilidades de inventividade, mostrando como o fazendeiro da época lidava com os recursos que tinha na fazenda, criando instrumentos para facilitar a vida cotidiana. Ao tratar sobre o valor do

conhecimento tradicional e da criatividade dos fazendeiros, Binômimo inclui o pai como um exemplo de um fazendeiro inventor. Entre os membros da família que contribuíram para o seu interesse pela pesquisa e para o conhecimento do meio ambiente regional, o escritor lembra o pai e um primo mais velho.

No relato biográfico de Binômimo, a saída da fazenda para estudos dos filhos inaugura uma oposição entre dois mundos e duas formas de conhecimento: a fazenda e a cidade, o conhecimento científico e o saber tradicional. A residência na cidade marca também o seu envolvimento mais efetivo com questões político-ambientais, a participação em associações e, sobretudo, a sua atuação não mais como fazendeiro – mesmo continuando proprietário de terras no município – mas como uma pessoa que reflete o mundo da fazenda segundo suas convicções ideológicas. A separação entre cidade e campo, que o seu relato evidencia, é realizada, sobretudo, durante a narração das transformações sociais e demonstra consciência diante dos acontecimentos. Sua concepção de fazenda e de fazendeiro assenta-se na realidade do passado da região e pressupõe a permanência da família do fazendeiro trabalhando na terra. Para ele, a vinda para a cidade descaracteriza por completo a estrutura sociocultural anterior e o “ser fazendeiro”:

Eu lembro que em 1968 eu já estava assim mais envolvido. Tudo que relacionava com pesquisa, qualquer coisa me cativava mais. Então eu me lembro que nós fizemos um seminário aqui foi em 68, 69, não me lembro mais – nós fizemos um seminário e eu já preocupado com a destruição do cerrado. Porque foi quando eles arrumaram uns tratores, treinando com correntes. Derrubavam tudo que estava na frente [...]

Essas mudanças ocorridas fizeram que me afastasse um pouco da fazenda. E eu comecei de vez em quando a escrever um artigo para um jornal, uma coisa assim. Mas na arte de escrever até hoje eu sou meio... Acho que comecei a escrever porque de vez em quando alguém me mandava uma notícia que tinha um concurso de contos e eu participava. Mas essa área era muito restrita. Agora, o que eu fiz mais foi quando eu mudei para a cidade. Assim, mais definitivamente, eu comecei a participar da comunidade: era secretário, tesoureiro do clube. Do Jôquei Clube, por exemplo, eu fui (PINTO, 2003, p. 144).

A permanência na cidade marca também o início de sua atuação efetiva como pesquisador autodidata e escritor. E, nesse assunto, a oposição entre conhecimento tradicional e científico perde espaço para uma concepção que concilia esses dois campos. Binômimo aproveita a permanência na cidade para realizar trabalhos que envolvem a prática associativa, vinculando-se às associações locais, e participa de movimentos relacionados às questões ambientais, dando continuidade a uma prática já

iniciada na fazenda, que pressupõe a relação entre o conhecimento tradicional da natureza e o seu gosto pela experimentação e a observação.

Escrever é também uma atividade que ele iniciou depois da saída da fazenda e está relacionada a essas novas atuações no novo espaço social. O conhecimento acumulado durante a vida no campo sobre o meio ambiente natural da região e suas atuações nessa área em Jataí passam a ser conhecidas por pesquisadores de universidades goianas e de outros estados.

Com a mudança definitiva para a cidade de Jataí, Binômimo dá continuidade às suas atividades de fazendeiro, de outra forma, e envolve-se mais com questões comunitárias e ambientalistas. Ele intensifica o atendimento aos pesquisadores que o procuram, interage com universidades, participa de eventos universitários e institucionais, escreve contos e artigos e passa a ser reconhecido como um pesquisador autodidata, defensor do meio ambiente e “sábio do lugar”: o “seu Meco” :

Eu sempre gostei do cerrado. Tudo que se dizia do cerrado eu participava, e tentava conhecer mais, saber mais das coisas. Porque, por exemplo, todo fazendeiro, realmente fazendeiro, conhece tudo do cerrado. Falta para eles às vezes é saber detalhar por exemplo: ele sabe que sangra d'água só dá na beira d'água. Então, falta para ele na hora dele falar “vamos povoar um córrego”. Ele falar o que deve ser plantado, as plantas que dão na beira d'água. Ele não atinou ainda de pensar isso, mas ele sabe, embora cada dia menos, sabe menos. Mas cada dia menos há gente que sabe. Mas, então, às vezes detalhes assim “essa planta dá fruta, essa fruta pode ser aproveitada”. Isso às vezes ele não atina de pensar essas coisas... ela pode se transformar na culinária, numa coisa. Por isso que eu dediquei mais a essas áreas assim, separando [...] (PINTO, 2003, p. 14).

É pensando a forma como Binômimo narra o conhecimento tradicional e a sua transmissão que se pode entender melhor que o não gostar da fazenda não significa romper com ela nem com o mundo que ela organiza, enquanto unidade simbólica e produtiva. Binômimo reflete o conhecimento acumulado e estabelece comparações com outras formas de conhecimento. Ele encontra vínculos, aproximações e afastamentos e põe em ação uma “consciência reflexiva”. Apesar de crítico quanto às mudanças econômicas e socioculturais que atingem a fazenda e a região sudoeste, ele é um incentivador das inovações tecnológicas, no mundo rural, e envolve-se com essas inovações. Não é apenas através do gosto pela natureza que ele se mantém totalmente na e da fazenda até quase os quarenta anos e procura contornar as suas frustrações pela não saída para estudar. É também como se, individualmente, ele buscasse uma “solução” para aquele “sistema” – como ele próprio denomina o “mundo da fazenda”-

em crise, indo atrás de novas tecnologias e apresentando-as para os outros fazendeiros. Tal busca pressupõe para ele uma reflexão sobre o passado, sobre as ações das gerações passadas e uma consciência das contradições internas - decorrentes ou não do ingresso de formas de produção capitalistas na região sudoeste de Goiás, como podemos observar quando ele relata a sua própria experiência com o “consumismo”:

Eu fui deixando de trabalhar direto na fazenda, quando vim e trouxe os filhos para estudarem. E foi um período muito terrível também, porque foi o período que começou a mudança de todo um sistema de vida. Coincidentemente, foi também o período que eu vim mudar para cá. E foi quando começou o consumismo. Então, quem morava na fazenda e usava um sistema independente de tudo, chega aqui e começa a ser dependente e consumir (PINTO, 2003, p. 142).

Escrever, para Binômimo, é tanto uma consequência das pesquisas que ajudou a desenvolver junto com outros pesquisadores, quanto resultado do gosto pela leitura que herdou da família. A relação entre literatura e família coloca-se, da mesma forma, em parte dos escritores analisados, quando eles localizam no grupo de parentesco mais amplo uma característica familiar constante. Os escritores buscam na família, entre os parentes, uma herança, um elo, para a sua vocação cultural-literária.

Esse gosto pela leitura eu herdei dele (pai), mas isso eu já descobri que é da família Lima. A família Lima gosta de ler tudo, de todo lugar. Eu te contei que outro dia a gente estava lá na reunião de um lançamento de livro, do livro da Luzia, e convidaram a turma e várias pessoas e entidades foram ficar lá na frente, para formar a mesa. Quando terminou aquele lançamento, eu estava lá naquele movimento e resolvi contar quantos Lima tinham lá dentro, você não há de ver que 90% das pessoas que estavam envolvidas era Lima? Como cantor, declamador, poetas, onde já se viu? Mas o que que é isso?

Esse lançamento foi daquela poetisa que é secretária lá da academia. Foi outro dia aqui na Câmara dos vereadores. Falei: “- isso é da raça mesmo!” Era tudo Lima. Então Lima sempre tem a turma que gosta, meio metido a poeta. E veio de longe: o Silvestre da Costa Lima, o meu tio, que esse é um nome tradicional da família...Mas esse era o pai, para o avô. Era pai do Zé Primo, que foi o primeiro Costa Lima que veio para essa região. O pai dele chamava Silvestre (PINTO, 2003, p. 142).

Da mesma forma que Binômimo, Maria Eloá vincula o gosto pela leitura a uma herança familiar, como uma tradição herdada:

Na família Franco, é comum. A família Franco é muito grande no estado de Goiás. No sudoeste, nós temos Franco espalhado por todos os municípios. E muito raramente se encontra, entre os Franco, uma pessoa que não gosta de ler. E quando encontra a gente fica admirado. Então, eu não sei explicar de onde veio este gosto da leitura. Eu também não entendo porque um tio rico, fazendeiro, da minha mãe, tinha uma estante com livros da melhor literatura da época. E os livros eram editados em Portugal, edições de Lisboa da cidade do Porto e muitos livros editados em Portugal de franceses e ingleses. Era o melhor. “Os miseráveis” eu li na minha infância. Então, minha mãe pegava emprestados estes livros e a gente lia muito. Eu acho que isto influenciou muito em mim para que mais tarde eu pudesse escrever. Porque a gente primeiro



gosta da literatura depois pretende fazer literatura. Eu acho que as pessoas que não lêem não serão escritoras, se escreverem serão mediócras. Temos que primeiro assimilar a literatura e depois com certa timidez, tenta-se escrever também.

Retornando ao relato de Maria Eloá, ela explica o que acontecia na época de sua saída da fazenda e remete às questões locais e regionais, inserindo sua própria trajetória no contexto social. O universo social narrado pela escritora apresenta diferenças na forma de retratar os personagens do campo, em comparação ao relato de Binômimo, centrado na família do fazendeiro, sobretudo no que se refere às outras categorias de pessoas que faziam parte do mundo da fazenda.

As famílias de trabalhadores e agregados são lembradas espontaneamente pela escritora, mesmo quando o assunto em pauta não se refere a elas. As diferenças entre fazendeiros ricos e pobres, grandes e pequenos, que a sua narrativa revela, constroem uma caracterização do campo menos homogênea e menos harmônica, atentando para as diferenças internas da categoria de fazendeiros e para as relações de dominação e subordinação que ela presenciou. A escritora também deixa claro, desde o princípio do relato biográfico, o seu posicionamento político e ideológico a respeito dessas relações. A história da região da Serra do Cafezal, onde ela nasceu, é narrada tendo as diferenças econômicas entre as categorias de sujeitos evidenciadas desde o princípio, seguindo um eixo discursivo e a opção de sobrepor uma história centrada nas desigualdades sociais à história dos costumes. Ou melhor, uma história dos costumes tecida em meio às relações de dominação e violência, entre fazendeiros e as demais categorias que viviam no campo: os agregados, filhos ilegítimos, negros, mulheres e “baianos”:

Meu pai foi um fazendeirinho pobre, o problema era o seguinte: o Cândido Costa Lima, que é o dito tio da minha mãe, que tinha livros, que eu nunca pude entender porque ele gostava de livros, ele era rico. Ele era um fazendeiro que cultivava muito café. A região recebeu o nome de Serra do Cafezal por causa da abundância de cafezais. Todos os fazendeiros, grandes ou pequenos, tinham os seus cafezais. Meu pai tinha um pequeno cafezal. Mas, os que tinham grandes cafezais e depois começaram a investir na pecuária e organizava os retiros de criações de gados ficaram ricos. Enriqueceram com o trabalho, embora gente não possa deixar de colocar aí a exploração do homem pelo homem, dos fazendeiros explorando os agregados o tempo todo. Pagavam salários mínimos, quer dizer salário mínimo não é a palavra certa, salários de fome. Eles não passavam fome, porque os agregados naquela época, tinham vida boa. Eles ganhavam pouquíssimo, mas tinham lá sua casinha, tinha seus porquinhos engordando, tinham as galinhas, comiam do bom e do melhor. E quanto ao vestuário, os filhos dos fazendeiros vestiam do mesmo jeito, porque era muito raro o fazendeiro que se preocupava, por exemplo, as moças tinham vestidos bons, de tecidos melhores. Mas alguns, até ricos, não ligavam para isto. As moças eram mal vestidas, descalças. Na nossa casa não servia de exemplo, porque meu pai era um fazendeiro pobre. Meu pai era criado na terra... Então, ele tinha os agregados. Tinha dois agregados que cultivavam na roça para os mantimentos do gasto. Plantava arroz, milho, feijão e não cobrava nada. Mas o meu pai era carreiro, carreiro apaixonado. Ele fazia frete para buscar o sal em Três Lagoas no Coxim.

A transformação regional também é objeto dos relatos de Maria Eloá e assume um caráter de proximidade pela forma com que atinge as famílias de fazendeiros de um modo mais geral. Tal qual Binômio, a escritora explica a mudança dos fazendeiros para a cidade por razões ligadas à educação. Suas narrações reafirmam uma característica, sempre encontrada nos relatos de Binômio, que mostra a preocupação dos fazendeiros com a educação dos filhos. Todavia, convém atentar para o modo como Maria Eloá destaca as dificuldades e diferenças entre aqueles que podiam “por os filhos na escola” e os “que não podiam”:

Eu não sei explicar bem o que aconteceu. Mas me parece que a mentalidade dos fazendeiros mudou, foram forçados a mudar. Por exemplo, os fazendeiros não vieram para as cidades abandonando terra, vendendo sem um motivo. O motivo era os estudos dos filhos, não havia escolas rurais. Naquela época, os fazendeiros contratavam os professores. O poder público não dava a mínima importância ao pessoal da zona rural. Não havia escola mesmo. Então, o que eu acho que trouxe tanto os fazendeiros como os agregados, que trabalhavam nas terras deles, porque eles também vieram para que os filhos estudassem. Ficaram aí, trabalhando numa coisa ou outra que não era a profissão. Eles eram da terra. Eu acho e até chego a afirmar que o motivo foi este: o descaso do poder público na educação das crianças da zona rural, tanto dos fazendeiros como dos agregados. Porque, na medida do possível, eram contratados professores, repassava-se o dinheiro do cafezal e trazia o dinheiro para o caixa, mas também não havia tantos professores na zona rural. Em geral, os professores eram os escrivões que lecionavam também.

Após dois anos de estudos, em Rio Verde, e a morte do tio que provia seus estudos, Maria Eloá retorna para fazenda e permanece durante dezoito anos trabalhando como professora nas escolas das fazendas de parentes em Serranópolis. Durante esse tempo, casa e, quando a filha alcança a idade de doze anos, muda-se da fazenda para Jataí. O estudo da filha estimula-a a voltar a estudar, e ela resolve fazer o ginásio. Cursa o ginásio em Jataí, junto com alunos mais jovens e, quando termina, muda com a filha para Goiânia. Na capital, a escritora cursa o segundo grau, faz o vestibular para o curso de Letras na UFG e é aprovada em primeiro lugar. Em 1970, quando cursava o segundo ano de Letras, abandona os estudos por motivos familiares, retorna para Serra, agora município de Serranópolis para dirigir o ginásio da cidade a convite do prefeito. Logo depois, ela retorna definitivamente para Jataí.

Duas experiências de Maria Eloá são significativas para entendimento de suas idéias e de sua literatura: o envolvimento com o *esperanto* e a vinculação ao partido comunista. O esperanto ela descobriu quando ainda morava na fazenda, através de uma

rádio do Rio de Janeiro (Rede Mundial de Rádio). Ela fez o curso pelo rádio e, juntamente com uma prima, em Jataí, organizou um grupo e começou a se corresponder com pessoas de vários países. A experiência com o esperanto foi interrompida em 1964, com a ditadura militar. Nessa época, houve muita perseguição aos estudantes de Jataí. Ameaçada de prisão, ela suspendeu as correspondências e perdeu o estímulo para continuar.

Em suas avaliações sobre a sua trajetória, a escritora considera que o esperanto possibilitou-lhe o alargamento da sua visão de mundo através do contato que fez com pessoas de diferentes países.

Esta oportunidade do esperanto também me ajudou muito a acordar para um punhado de coisa. Inclusive, esse aprendizado derrubou as barreiras de línguas, porque eu só sei português e esperanto. Naquele tempo, eu mantive correspondência com pessoas de vários países. E para escolher os meus correspondentes, porque nós assinávamos uma revista que é do órgão oficial do esperanto, registrado na Holanda, e trazia muitos endereços de pessoas interessadas em correspondência. E era uma correspondência séria, correspondência importante, correspondência que possibilitava uma amizade verdadeira entre as pessoas. Pessoas de países diferentes, que nunca se encontraram e que não sabem a língua nacional um do outro. Então, eu escolhi pessoas de países de língua eslava. Eu queria fazer um teste com o esperanto para saber se realmente era válido. Se o esperanto serviria pra um intercâmbio internacional entre os povos do mundo. E como a língua eslava não tinha nada a ver com a nossa, e eu não fiz nem inglês, nem francês, nem italiano, nada de língua latina, eu fui buscar lá no oriente da Europa. E verifiquei que o esperanto realmente funcionava.

Durante a segunda experiência em Rio Verde, em 1944-1945 (a permanência anterior, em 1943, foi para cursar o primário) para estudar na Escola Profissional Rural, Maria Eloá conheceu as idéias do partido comunista e interessou-se por elas. No discurso que proferiu em agosto de 1945, durante a militância no partido, a escritora deixa entrever as linhas ideológicas que definiram o seu posicionamento político naquele momento, como se pode verificar no seguinte trecho:

“Por que me tornei comunista”.  
Amigos e Companheiros.

...Companheiros, eu, como camponesa que sou, que nasci, cresci e tenho vivido na fazenda, no convívio com os sertanejos pobres da minha terra, bem posso dar-lhes uma idéia do que é a vida para os meus infelizes conterrâneos.

Desde a infância, tenho acompanhado de perto o mourejar constante dos roceiros e a grande miséria que sempre tem habitado em nossos sertões, transformando os habitantes do campo em seres à parte que não têm nada senão o trabalho rude e penoso dos sítios.

E, contudo, não se pode dizer que os sertanejos não sejam capazes de grandes cousas. Quantas inteligências lúcidas não conheço nos ínvios sertões serranos.

Mas lá não existem escolas e nenhum meio há dessas inteligências se desabrocharem para serem úteis a si mesmas e aos outros. E ali crescem crianças vivazes que se transformaram em jovens indiferentes a tudo que não seja o cultivo da terra e a criação do gado e que são explorados e prejudicados em seus interesses.

Pois, amigos, foi pensando em tantos companheiros que como eu nasceram em tão precárias condições, que fiz a mim mesma o protesto solene de trabalhar, lutar e fazer algo pela nossa emancipação das classes pobres da minha terra (LIMA, 1988, p. 98).

Apesar dessa filiação político-partidária, a escritora fala com ponderação sobre as influências ideológicas do PC e suas idéias críticas em relação às relações de trabalho no campo na época. Para ela, o seu pensamento já tendia a ver tais relações de forma diferente da sua família e encontrou nas idéias do partido uma fundamentação ideológica. É curioso como, em seu relato, a experiência com o PC surge na resposta à pergunta sobre a ênfase que a escritora dá, em seus romances, às categorias de trabalhadores do campo. Para explicar tal característica de sua literatura, ela lembra que os seus pensamentos já estavam voltados para esses sujeitos, quando encontrou as idéias do partido. No momento da entrevista, quando o assunto surgiu, estava presente Antônio Cândido, esposo da escritora, que participou da conversa e enriqueceu o diálogo:

Maria Eloá - Mas era assim, eu coloco os baianos, os agregados... Parece, filha, que a gente já nasce com uma cabeça mais ou menos encaminhada. Depois de Rio Verde, veio a Segunda Guerra Mundial, houve uma liberação grande. O partido comunista se tornou legal e eu me filiei no partido comunista. Se eu me senti atraída é porque eu já tinha uma cabeça encaminhada. Eu, sozinha lá em Rio Verde, não tinha como dizer se eu entraria naquele partido, se era perigoso, diz que mata até criança...

Cintya - A Senhora foi indicada por alguém?

Maria Eloá - Eu morava na casa de uma viúva, que tinha um genro que era comunista. Ele e a esposa. Então, eles me convidaram para participar de uma reunião no comitê. Estava tudo novinho, a guerra tinha acabado de terminar. Eu participei da reunião, comecei a estudar, me informar e eu conservei essas idéias.

Cintya - A senhora ficou quanto tempo no partido?

Maria Eloá - Eu diria que estou nele até hoje, não filiada.

Cintya - Eu soube que a senhora foi candidata a vereadora aqui em Jataí, como foi essa candidatura?

Maria Eloá - Eu fui candidata a vereadora pelo PT. Depois de ter voltado de Rio Verde, meu sogro era completamente avesso à idéia de reforma agrária. Mas o meu marido, que era contra, criticava muito de mim dizendo que todo comunista tinha a calça remendada na bunda, quer dizer, preguiçoso. Aí, eu tentava clarear as idéias dele e deixei-o à vontade. Fica ele para lá com as idéias dele e me deixa com as minhas. Mas depois, lá na fazenda eu comecei a observar. À tardinha, quando vinham peões e peões, porque depois nós tivemos os nossos próprios agregados, esperando terminar de arrumar o jantar, eu comecei a ouvir meu marido a conversar com eles sobre as coisas, tentando colocar na cabeça deles, aquilo que eu tinha pensado em colocar na cabeça dele. Então, isso foi uma coisa extraordinária. A partir das observações, mas ele não dava o braço a torcer, eu passei a observar. E mesmo antes do PT, a gente já pensava na

reforma agrária. Tem até um projeto que nós fizemos juntos, um projeto de reforma agrária, que eu gostaria que adotassem a nível municipal, para a coisa sair. Então, é isso.

Cintya - Eu li, em Serra do Cafezal, um trecho onde a senhora conta um caso sobre a sua volta de Rio Verde, sobre sua relação com a família de agregados de sua avó. Nesse trecho do livro, me parece que a senhora vive um conflito entre a consciência de saber dos direitos dos agregados e a relação com sua avó Floriana. Eu queria mergulhar mais fundo nesse conflito: entre o conhecimento ideológico que a senhora adquiriu em Rio Verde e a sua volta para a fazenda.

*Maria Eloá - Esse conflito existiu. Interessante, o meu próprio pai, analisando depois calmamente as minhas idéias, ele aderiu, mas no início não. Eu era vista como uma pessoa perigosa. Quando eu cheguei à região da Serra Cafezal, as pessoas não me repudiaram. Até hoje as pessoas dizem assim: "Eu gosto de você desde o tempo que o povo falava que você era comunista".*

Antônio - Naquele tempo, os agregados eram amigos dos patrões.

Maria Eloá - Ele está reforçando um lado, que eu falei só de mim.

Antônio - Os agregados e patrão eram uma coisa só. Só que uns eram os que trabalhavam e outros os que pagavam.

Maria Eloá - Uns exploravam e outros trabalhavam, mas era isto.

Antônio - Não, exploravam porque aquilo era a vida.

Maria Eloá - Aquilo era vida, mas era exploração.

Antônio - Mas se não der emprego não tem como viver.

Maria Eloá: Eu aceitei o comunista porque ele oferecia oportunidade de tantas mudanças. Eu acho que já tinha a minha cabeça meio encaminhada, porque eu imediatamente aceitei, eu abracei a causa lá em Rio Verde. Agora, sobre o conflito, quando eu percebi que não havia o terreno, não tinha a possibilidade de tocar para frente. Mas eu ainda fiz a campanha de Isabel Santos que foi candidata pelo partido comunista. Ela morreu aqui, em Jataí, foi professora aqui em Jataí. Ela foi candidata a deputada estadual. Então, eu estava de professora na fazenda do pai do meu marido e ainda parti para dar uma força a Isabel lá na região. Fui ver se arrumava mais alguns votos para ela, contrariando todo mundo, com dizeres.

Cintya -E nesse momento, surgiram outros conflitos?

Maria Eloá - Houve conflitos. Eu recebi uns papéis, enviados pela Irmã Delfonso, que era a líder aqui. Eram papéis de propaganda política do PC, papéis de reforma agrária. E eu me aventurei a colocar aqueles papéis na porta da escola que era na fazenda do pai do meu marido. Nessa época, nós já éramos casados. Aí, ele disse: " - Tire aqueles papéis, meu pai não vai gostar." Mas eu disse: " - Lá é uma escola e eu sou a professora." Mas aí ele próprio foi lá e tirou. Então, o que foi que eu fiz? Botei a viola no saco e descabreei. Não havia campo, não havia como fazer nada, desisti.

Cintya - Como os fazendeiros reagiram a essa entrada do PC na fazenda?

Maria Eloá - Lá na região da Serra do Cafezal, tinha o amigo Teixeira, que era comunista e gostava, e havia uns outros poucos, que apesar de serem donos de terras, gostavam. Mas os outros odiavam, combatiam como um perigo. E também a Igreja Católica, que fazia uma guerra cerrada contra. Eu nunca pude entender os rapazes de roupa vermelha que saíam para todos os cantos. Eles falavam tanto horror, espalhavam livros, cartazes dizendo que o comunismo matava gente, que na Rússia o comunismo era ruim. Então, é como se eu estivesse politicamente morta durante vários anos. Depois, morando aqui em Jataí anos e anos depois, eu vi o PT na televisão e disse ao meu marido: "Eu vou ingressar nesse partido".

Quando já morava efetivamente em Jataí, Maria Eloá filiou-se ao Partido dos Trabalhadores - PT e depois ao Partido Democrático Trabalhista - PDT e se envolveu com a militância política. Foi candidata à vereadora, desfilou-se duas vezes, por insatisfações com a organização interna desses partidos. Atualmente, a escritora declara não ser filiada a nenhum partido, apesar das simpatias por tendências políticas de esquerda.

O afastamento definitivo da fazenda transformou a relação objetiva que mantinha com o campo e ingressou na literatura, em 1998, com *Serra do Cafezal*, romance que conta histórias transcorridas nas fazendas da família em Serranópolis. Como ela mesma afirma, a fazenda passa a existir apenas em pensamento e depois em seus livros. Com a publicação do primeiro livro, a escritora ingressou na Academia Jataiense de Letras, mas por pouco tempo. Afastou-se dessa instituição, por não encontrar um grupo de interlocução satisfatório para ela:

Parece que estive mais ligada à fazenda após a minha saída de lá. Isto eu acho importante, quando a gente perde é que a gente dá valor. Quando eu mudei, eu ia pouquíssimo à fazenda. Nós vendemos nosso sítio, nossa sede, como dizem, para o meu sogro mesmo. Então, a gente não tinha compromisso nenhum. Meu marido se transformou em comerciante de gado. Ele comprava muita terra, o dinheiro que sobrava ele comprava um pedaço de terra. A terra não valia nada, a pessoa ficava muito apertada e ele tinha visão. Só que depois as dívidas “demoliram” tudo. Esse amor à terra, esse desejo que chega a ser até meio doloroso, porque às vezes eu fico pensando que se tivesse um alqueire de terra, meio alqueire, eu seria agregada de um fazendeiro, se me descem. Mas agora na minha idade, não é possível, eu fiz 80 anos no mês passado.

Entre os escritores pesquisados, a escritora Maria Eloá de Sousa Lima se destaca pelo modo como articula literatura, biografia, vínculo com o lugar de referência literária e um compromisso político em escrever sobre os acontecimentos e as categorias de pessoas não contempladas pelos textos locais. A trajetória dessa escritora entrelaça-se com os seus textos de tal forma que mesmo em livros como *Ana Prudenciana* que se afasta do gênero memorialístico, tem-se a impressão de que as personagens fizeram parte de sua vida cotidiana, real. A sua predileção pelas personagens femininas é facilmente identificada em toda a sua obra. São personagens sofridas, negras, escravas e trabalhadoras das fazendas do Sudoeste de Goiás. As mulheres fazendeiras, grupo ao qual a escritora também se inclui, aparecem representadas por personagens fortes, trabalhadoras, donas dos seus destinos e parceiras dos homens nas fazendas de gado. Essa ênfase articulada e não assumida pela autora, entre o gênero feminino e o trabalho é privilegiada nesta reflexão.

Entende-se assim, que a literatura (o ato literário) torna pública a experiência de pessoas em todos os aspectos, em suas ambiguidades e atrocidades. O sentido de “publicidade” aqui utilizado aproxima-se do “dizível”, daquilo que está oculto ou não revelado, sendo a Literatura, um lugar onde esses sentidos e desejos podem se expressar

(Pollak, 1986, p. 20). Talvez seja esse o sentido almejado por Maria Eloá: trazer uma pluralidade de vozes não ouvidas para o espaço discursivo de sua literatura.

### **Considerações Finais**

As entrevistas realizadas com os escritores apresentaram formas de relatar a vida e a carreira centradas nos deslocamentos espaciais e sociais, que informaram um movimento sempre constante entre “saídas e retornos” aos lugares. Para esses escritores, falar da própria vida e da carreira é referir-se a um processo de idas e vindas, no qual se encontram as pessoas e as realizações. Faz parte da história individual e coletiva dos escritores, sair da terra natal e retornar a ela, transpor os limites da ordem social de origem e envolver-se com o “mundo da instrução”. As trajetórias relatadas mostram que os deslocamentos espaciais que implicaram um afastamento mais prolongado de sua localidade ocorreram em função dos estudos e de relações pessoais, e não, especificamente, da carreira literária – que acabou circunscrita ao espaço regional. Todavia, foi na busca pela “melhoria intelectual” – uma experiência comum a todos os escritores entrevistados, concretizada na saída do local de nascimento e ingresso em instituições de ensino (escolas, ginásios, universidade) – que eles iniciaram e desenvolveram relações com o mundo literário e produziram seus primeiros escritos. Não obstante a busca por instrução escolar apresentar-se como o motivo primeiro da saída da casa dos pais, esta representa, igualmente, o início de um rompimento com o mundo anterior, com um estado de coisas, com uma situação social compartilhada pela família.

### **REFERÊNCIAS**

BERTAUX, Daniel. *L'approche biographique: sa validé méthodologique, ses potentialités*. Cahiers Internationaux de Sociologie. V. LXIX, 1980.

BORGES, Heloisa Helena de Campos. *O romance em Goiás: construção e singularidade do seu processo narrativo*. Dissertação de Mestrado, PPGLL – Faculdade de Letras, UFG, 1986.

BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras. IN: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. *L'illusion biographique*. *Actes de la recherche em sciences sociales*, nº 62/63 – juin 1986.

- \_\_\_\_\_. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UnB, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HALBWACCS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- JACINTO, Andréa B.M. J. *Margens escritas: versões da Capital antes de Brasília*. Tese de doutorado. PPGAS, Brasília: Editora da UnB, 2003.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- LIMA, Maria Eloá de Sousa. *Serra do Cafezal – Retratos e Lembranças*. Jataí: Edição da autora, 1988.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais a brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- PINA, Carlos. Sobre la naturaleza del discurso autobiográfico. *Anuário Antropológico/88*. Brasília: Editora UNB, 1991.
- POLLAK, Michael, HEINICH, Nathalie. Le Temoignage. *Actes de La recherche en sciences sociales*, nº 62/63-juin 1986.
- \_\_\_\_\_. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.
- RODRIGUES, Cintya Maria Costa. *Histórias sobre lugares: histórias fora de lugar? Os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás*. PPGCS/IFCH/UNICAMP, 2006 (tese de doutorado).
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: O movimento folclórico brasileiro (1947-1964)* Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional UFRJ, 1995 (tese de doutorado).